NEUROCIÊNCIA APLICADA À EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS ENTRE APRENDIZAGEM, CUIDADO E DESENVOLVIMENTO HUMANO.

Celine Maria de Sousa Azevedo
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Igor Arthemis Pinho de Paula
Cristina Rodrigues Souza de Almeida
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

A neurociência aplicada à educação tem se consolidado como uma área interdisciplinar capaz de fundamentar práticas pedagógicas mais eficazes, ao integrar conhecimentos sobre o funcionamento cerebral, processos de aprendizagem e desenvolvimento humano. Este estudo discute como as descobertas neurocientíficas podem orientar estratégias educativas que promovam não apenas a aquisição de conhecimentos, mas também o cuidado com aspectos emocionais, sociais e cognitivos dos estudantes. A obra enfatiza que a aprendizagem não ocorre de forma isolada, estando intimamente ligada ao desenvolvimento integral do indivíduo, à regulação emocional e ao contexto socioafetivo da sala de aula. Evidencia-se a importância de práticas pedagógicas que respeitem as diferenças individuais, promovam inclusão e incentivem a autonomia do aluno. Ao explorar o diálogo entre neurociência, educação e cuidado, o estudo apresenta contribuições teóricas e práticas para a construção de metodologias ativas, planejamento de atividades que favoreçam a memória, atenção e engajamento, bem como estratégias de intervenção pedagógica adaptadas a diferentes necessidades cognitivas. Com isso, propõe-se uma abordagem educativa que valoriza tanto o desempenho acadêmico quanto o bem-estar do estudante, reconhecendo a complexidade do processo de aprendizagem e a relevância do desenvolvimento humano integral no contexto escolar contemporâneo.

Palavras-chave: Neurociência educacional; aprendizagem; desenvolvimento humano; cuidado pedagógico; metodologias ativas.

APPLIED NEUROSCIENCE IN EDUCATION: DIALOGUES BETWEEN LEARNING, CARE, AND HUMAN DEVELOPMENT.

Applied neuroscience in education has established itself as an interdisciplinary field capable of supporting more effective pedagogical practices by integrating knowledge about brain functioning, learning processes, and human development. This study discusses how neuroscientific findings can guide educational strategies that promote not only knowledge acquisition but also attention to the emotional, social, and cognitive aspects of students. The work emphasizes that learning does not occur in isolation, being closely linked to the individual's holistic development, emotional regulation, and the socio-affective context of the classroom. The importance of pedagogical practices that respect individual differences, foster inclusion, and encourage student autonomy is highlighted. By exploring the dialogue between neuroscience, education, and care, the study provides theoretical and practical contributions for designing active methodologies, planning activities that enhance memory, attention, and engagement, as well as pedagogical intervention strategies adapted to diverse cognitive needs. In this way, an educational approach is proposed that values both academic performance and student well-being, recognizing the complexity of the learning process and the relevance of comprehensive human development in contemporary educational contexts.

Keywords: Educational neuroscience; learning; human development; pedagogical care; active methodologies.

NEUROCIÊNCIA APLICADA À EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS ENTRE APRENDIZAGEM, CUIDADO E DESENVOLVIMENTO HUMANO.

Celine Maria de Sousa Azevedo
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Igor Arthemis Pinho de Paula
Cristina Rodrigues Souza de Almeida
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

1. INTRODUÇÃO

A integração da neurociência com práticas educacionais tem se mostrado essencial para compreender como processos cognitivos e afetivos influenciam o aprendizado. Estudos indicam que a maturidade cerebral é determinante para a aquisição de habilidades cognitivas complexas e para a alfabetização, permitindo que intervenções pedagógicas sejam mais eficazes (Belchior; Ischkanian; Cabral et al., 2025a). A relação entre o funcionamento neural e o desempenho acadêmico evidencia que o cérebro não opera isoladamente, mas responde a estímulos ambientais, emocionais e sociais, moldando as experiências educacionais. Compreender esses mecanismos abre espaço para repensar metodologias tradicionais, promovendo estratégias que considerem as particularidades de cada aluno.

O desenvolvimento infantil é profundamente influenciado por interações entre estímulos cognitivos e contextos socioafetivos, o que reforça a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e adaptativas (Belchior; Ischkanian; Cabral et al., 2025b). Ao considerar os princípios de neuropsicopedagogia, educadores podem planejar atividades que respeitem a diversidade de ritmos de aprendizagem e promovam engajamento significativo. O cuidado no processo educativo torna-se, portanto, uma dimensão estratégica, pois alunos emocionalmente apoiados apresentam maior capacidade de concentração e retenção de informações, evidenciando a inseparabilidade entre afetividade e aprendizagem.

A construção de metodologias ativas fundamentadas em evidências neurocientíficas demonstra que a aprendizagem é facilitada por práticas que envolvem experimentação, reflexão e interação social (Campos; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Estratégias como o ensino por projetos e o trabalho em grupos heterogêneos potencializam funções executivas e promovem autonomia, habilidades essenciais para a adaptação ao mundo contemporâneo (Cohen; Lotan, 2017). A neuroeducação permite, assim, que o planejamento curricular seja orientado por dados sobre plasticidade cerebral, atenção e memória, transformando a sala de aula em um espaço de desenvolvimento integral.

A alfabetização, especialmente nos anos iniciais, exige compreensão das bases neurocognitivas da linguagem, memória de trabalho e processamento fonológico (Ferreira; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Pesquisas demonstram que intervenções pedagógicas que alinham teoria e prática neurocientífica favorecem a aquisição da leitura e escrita, minimizando dificuldades futuras. A aplicação do conhecimento sobre desenvolvimento cognitivo na escola estimula estratégias diferenciadas, respeitando a maturidade cerebral de cada criança e promovendo inclusão e equidade.

As emoções desempenham papel central no aprendizado, modulando processos de atenção, motivação e memória (Damásio, 2006; Fonseca, 2016). O ambiente escolar que reconhece e valoriza aspectos emocionais fortalece a autorregulação e a capacidade de lidar com desafios cognitivos. A integração entre neurociência e psicopedagogia oferece ferramentas para identificar barreiras emocionais e cognitivas, possibilitando intervenções precoces que aumentam a eficácia pedagógica (Oliveira; Ischkanian; Cabral et al., 2025a).

A utilização de tecnologias digitais e recursos multimídia na educação evidencia como estímulos interativos podem favorecer a aprendizagem e engajamento, quando guiados por fundamentos neurocientíficos (Ischkanian; Cabral; Ischkanian et al., 2025). Plataformas educacionais e metodologias híbridas, se planejadas com atenção às funções executivas e ao processamento cognitivo, contribuem para experiências educativas personalizadas. A mediação tecnológica amplifica o impacto das estratégias ativas, proporcionando contexto adaptativo e ampliando oportunidades de desenvolvimento integral.

Práticas inclusivas fundamentadas em neurociência consideram diferenças cognitivas, transtornos de aprendizagem e necessidades educacionais especiais (Ischkanian; Cabral; Belchior et al., 2025c). A identificação precoce de dificuldades e a construção de materiais pedagógicos adaptados permitem que todos os estudantes alcancem objetivos educacionais, reforçando a equidade no processo de ensino-aprendizagem. A neuroeducação, portanto, não apenas orienta o conteúdo, mas também assegura condições de aprendizado adequadas a cada perfil.

O desenvolvimento de funções executivas, como planejamento, flexibilidade cognitiva e autocontrole, revela-se fundamental para a construção de autonomia e resolução de problemas (Dias; Seabra, 2013). Estruturar atividades que desafiem essas habilidades estimula o potencial cerebral e fortalece competências socioemocionais, demonstrando que a aprendizagem se estende além da aquisição de conhecimentos e alcança a formação integral do indivíduo. O alinhamento entre neurociência e pedagogia evidencia que estratégias ativas geram resultados duradouros.

A aprendizagem em contextos colaborativos reforça a importância de interação social e co-regulação, como indicam estudos de sincronização cerebral e prosocialidade (Hu; Hu; Xianchun et al., 2017). O trabalho em pares e grupos heterogêneos estimula a cognição, favorece a empatia e amplia a compreensão de conteúdos complexos. Ao planejar práticas pedagógicas com

base em evidências, educadores podem criar ambientes de aprendizagem dinâmicos, nos quais a cooperação e o cuidado são elementos estruturantes.

A pesquisa educacional baseada em neurociência contribui para o desenvolvimento de metodologias fundamentadas em dados e evidências, fortalecendo a formação docente e a efetividade pedagógica (Ribeiro; Padovan Neto, 2025; Braga; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Estabelecer diálogos entre aprendizado, cuidado e desenvolvimento humano permite que o educador interprete sinais cognitivos e afetivos, adaptando intervenções e promovendo experiências educativas que respeitem a singularidade de cada estudante. A neurociência aplicada à educação configura-se, assim, como eixo transformador das práticas pedagógicas contemporâneas.

2. DESENVOLVIMENTO

A neurociência aplicada à educação permite compreender os mecanismos cerebrais que sustentam a aquisição de habilidades cognitivas e socioemocionais, estabelecendo bases científicas para a prática pedagógica. Estudos indicam que a plasticidade cerebral, a memória de trabalho e a atenção são determinantes para a aprendizagem significativa (Rotta, 2016b). Ao explorar essas dimensões, educadores podem planejar atividades que favoreçam o desenvolvimento integral do estudante, promovendo experiências que alinhem conhecimento e motivação. A atenção aos processos neurobiológicos contribui para estratégias educativas mais ajustadas às necessidades individuais e coletivas.

O desenvolvimento da linguagem constitui um dos pilares centrais do aprendizado infantil, sendo influenciado por fatores neurobiológicos e contextos socioculturais (Vygotsky, 1993). A interação social e a mediação do professor fortalecem a aquisição de habilidades comunicativas, demonstrando que a aprendizagem é inseparável da participação ativa em ambientes ricos em estímulos. O reconhecimento dessas interações permite que o planejamento didático vá além do ensino mecânico, integrando compreensão conceitual e aplicação prática.

A memória desempenha papel estratégico na consolidação do conhecimento e na retenção de informações essenciais para o progresso acadêmico (Sprenger, 2008). Pesquisas indicam que técnicas que estimulam repetição distribuída, associação de conceitos e prática ativa favorecem a fixação de conteúdos complexos. Incorporar estratégias baseadas na neurociência da memória permite que o estudante internalize aprendizagens de forma mais duradoura, enquanto desenvolve autonomia e capacidade de transferir habilidades para contextos variados.

A alfabetização, em seus primeiros anos, exige atenção à maturidade cerebral do aluno, envolvendo habilidades fonológicas, percepção visual e memória de trabalho (Silva; Ischkanian; Cabral et al., 2025). A compreensão desses processos fundamenta práticas pedagógicas que respeitem o ritmo individual e as diferenças cognitivas. A aplicação de métodos adaptativos,

alinhados às necessidades específicas de cada estudante, contribui para a redução de dificuldades futuras, consolidando bases sólidas para a leitura e escrita.

O cuidado emocional constitui elemento essencial no processo educativo, pois emoções positivas potencializam a atenção, a motivação e o engajamento (Damásio, 2006). Investigações revelam que ambientes afetivamente seguros favorecem a aprendizagem e a construção de vínculos com o conhecimento. Incorporar estratégias que promovam bem-estar, autorregulação e empatia no contexto escolar reforça a importância de experiências pedagógicas que considerem o estudante como ser integral.

A plasticidade cerebral demonstra que o cérebro infantil responde a estímulos educativos de maneira dinâmica e adaptativa, ajustando conexões sinápticas em função de experiências vivenciadas (Rotta, 2016b). Ao compreender essas potencialidades, professores podem desenvolver atividades que estimulem raciocínio, criatividade e resolução de problemas. O planejamento de exercícios que integrem desafios cognitivos e situações significativas permite que o aprendizado seja não apenas absorção de informação, mas construção ativa de conhecimento.

O ensino de habilidades matemáticas e lógicas requer integração entre neurociência e metodologias ativas, que estimulem participação e experimentação (Campos; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Estruturas cognitivas complexas se desenvolvem mais efetivamente quando os estudantes interagem com problemas contextualizados, promovendo conexões entre conceitos abstratos e aplicações concretas. A aprendizagem matemática deixa de ser meramente repetitiva e se transforma em oportunidade de construção crítica e analítica.

O desenvolvimento de funções executivas, incluindo planejamento, flexibilidade cognitiva e controle inibitório, é determinante para o sucesso acadêmico e social (Dias; Seabra, 2013). Estratégias que desafiem essas funções permitem que alunos lidem melhor com multitarefas e resolvam problemas de forma autônoma. A integração de exercícios que promovam atenção, memória de trabalho e raciocínio estratégico contribui para que o estudante alcance resultados consistentes e desenvolva habilidades para a vida cotidiana.

A interação entre aprendizagem e cuidado evidencia que aspectos socioemocionais influenciam diretamente o desempenho acadêmico (Fonseca, 2016). Processos de autorregulação e gestão emocional favorecem a atenção e a memorização, criando condições para que o conhecimento seja internalizado com maior profundidade. Professores que reconhecem sinais de estresse ou ansiedade podem implementar estratégias de apoio que fortalecem tanto a cognição quanto o bem-estar do estudante.

As metodologias ativas destacam-se como instrumentos eficazes para estimular o engajamento e promover experiências de aprendizagem significativas (Braga; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Projetos, debates e atividades colaborativas mobilizam funções cognitivas superiores e promovem a aplicação prática de conceitos. Ao integrar práticas ativas com compreensão

neurocientífica, o educador favorece não apenas a retenção de informações, mas a capacidade de análise crítica e resolução de problemas.

A aquisição da linguagem escrita e oral depende da coordenação entre maturidade cerebral, exposição a estímulos e suporte pedagógico (Silva; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Estratégias de ensino que valorizam leitura guiada, escrita criativa e exercícios fonológicos permitem que alunos desenvolvam competências essenciais para comunicação e compreensão textual. O respeito às diferenças individuais garante inclusão e favorece aprendizagem consistente, evitando lacunas cognitivas futuras.

A motivação intrínseca desempenha papel relevante na aprendizagem, atuando como mediadora da atenção e da persistência diante de desafios acadêmicos (Pink, 2011). Estudos demonstram que alunos motivados apresentam maior engajamento e absorvem informações com maior profundidade. A aplicação de técnicas que promovam autonomia, escolha e feedback imediato sustenta o desenvolvimento de hábitos cognitivos eficazes e fortalece a autoeficácia dos estudantes.

A integração de recursos digitais no processo de ensino amplia possibilidades de estímulos cognitivos e interações sociais (Ischkanian; Cabral; Ischkanian et al., 2025). Ferramentas tecnológicas podem ser utilizadas para individualizar o aprendizado, monitorar progresso e oferecer feedback em tempo real. O planejamento pedagógico orientado por evidências neurocientíficas garante que essas tecnologias não sejam apenas auxiliares, mas catalisadores de aprendizagem significativa e engajamento constante.

O trabalho colaborativo estimula habilidades sociais e cognitivas, evidenciando que aprendizagem não é processo isolado (Cohen; Lotan, 2017). Dinâmicas de grupo favorecem pensamento crítico, argumentação e resolução conjunta de problemas, permitindo que o aluno desenvolva empatia e capacidade de cooperação. O uso estratégico de interações grupais reforça conceitos e fortalece conexões neurais associadas à memória e à atenção sustentada.

A compreensão dos limites e potencialidades do cérebro humano auxilia na construção de ambientes de aprendizagem desafiadores, porém seguros (Ribeiro; Padovan Neto, 2025). A adaptação de tarefas ao nível de desenvolvimento cognitivo e maturidade emocional assegura que o aluno seja estimulado sem sofrer sobrecarga, promovendo progresso contínuo e construção de competências essenciais para o contexto escolar e social.

A atenção e percepção sensorial são elementos fundamentais no processo de aprendizagem, modulando a codificação e recuperação de informações (Sprenger, 2008). Estratégias que exploram estímulos visuais, auditivos e cinestésicos favorecem a retenção e aplicabilidade de conceitos. Incorporar múltiplos canais sensoriais na prática pedagógica contribui para experiências mais completas e eficazes, estimulando diferentes regiões cerebrais de forma integrada.

A cooperação entre neurociência e educação possibilita compreender os processos de aprendizagem de forma holística, considerando variáveis cognitivas, afetivas e sociais (Ribeiro; Padovan Neto, 2025). Essa abordagem orienta a criação de metodologias capazes de responder às complexidades individuais e coletivas dos estudantes. O educador torna-se mediador do desenvolvimento cerebral e socioemocional, apoiando o estudante em sua trajetória acadêmica.

O desenvolvimento da atenção sustentada influencia diretamente a compreensão de conteúdos complexos e o desempenho escolar (Willingham, 2011). Estratégias pedagógicas que promovam foco, concentração e envolvimento ativo facilitam a aprendizagem e previnem dispersão cognitiva. A manipulação consciente de tarefas, intervalos e estímulos pode otimizar funções cognitivas críticas para a assimilação do conhecimento.

As contribuições de Henri Wallon enfatizam que emoção e cognição estão interligadas no desenvolvimento infantil, reforçando que aprendizagem e cuidado caminham juntos (Wallon, 1995). Experiências pedagógicas que valorizem o vínculo afetivo aumentam a receptividade às informações e fortalecem habilidades socioemocionais. Reconhecer a criança como sujeito integral permite intervenções que respeitem ritmo, estilo cognitivo e contexto emocional.

A educação baseada em evidências neurocientíficas oferece ferramentas para que professores planejem estratégias personalizadas, considerando desenvolvimento cerebral, maturidade emocional e contexto social (Ribeiro; Padovan Neto, 2025). O planejamento educacional fundamentado em dados assegura intervenções precisas, que respeitem diferenças individuais e promovam engajamento, motivação e aprendizagem profunda.

2.1. METODOLOGIA DA PESQUISA PARA DELINEAMENTO DO ARTIGO

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico e documental, centrada na análise interpretativa de produções científicas relacionadas à neurociência aplicada à educação. A escolha por essa perspectiva se justifica pela necessidade de compreender significados, sentidos e processos vinculados às práticas pedagógicas contemporâneas, privilegiando a interpretação da complexidade dos fenômenos educacionais em detrimento da mera quantificação de dados (Narciso; Santana, 2025; Morales, 2022). Tal abordagem permite explorar o conhecimento já consolidado sobre o tema, respeitando a singularidade do campo e possibilitando reflexões aprofundadas sobre a interface entre aprendizagem, cuidado e desenvolvimento humano (Page et al., 2021; Silva et al., 2009).

Quanto ao tipo de pesquisa, optou-se pela investigação bibliográfica, cujo objetivo é reunir, sistematizar e analisar a produção científica existente (Fávero; Centenaro, 2019). Essa modalidade fundamenta-se na exploração de obras previamente publicadas, incluindo artigos científicos, livros, dissertações, teses e documentos eletrônicos, oferecendo suporte teórico e empírico à construção do referencial conceitual. A análise crítica da bibliografia permite conhecer

o estado da arte da área, identificar lacunas de pesquisa e consolidar elementos para o desenvolvimento das argumentações do estudo.

A pesquisa também apresenta caráter documental, pois incorpora materiais acessados em bases digitais e científicas, cujos dados são relevantes para o aprofundamento da reflexão sobre o objeto investigado. Foram incluídas obras disponíveis em livros, periódicos, jornais e plataformas acadêmicas como CAPES, Scopus, Web of Science, SciELO, Academia Edu e Google Acadêmico. Os critérios de seleção priorizaram atualidade, pertinência temática e rigor acadêmico, garantindo consistência teórica e relevância científica das fontes analisadas (Galvão; Ricarte, 2019).

Após a seleção inicial, os documentos foram submetidos à leitura analítica, objetivando identificar elementos comuns, tensões conceituais e contribuições singulares sobre neurociência aplicada à educação. A análise considerou aspectos estruturais, pedagógicos e epistemológicos, destacando como diferentes abordagens teóricas dialogam com a prática educativa (Creswell, 2021). Este procedimento possibilitou organizar as informações de forma articulada, construindo uma narrativa coerente sobre aprendizagem, cuidado e desenvolvimento humano.

A categorização temática constituiu ferramenta central no tratamento dos dados, permitindo agrupar conteúdos em blocos analíticos relacionados aos objetivos específicos da pesquisa. Tal organização facilita a identificação de padrões, recorrências e divergências entre as produções, oferecendo suporte à interpretação crítica dos achados (Narciso; Santana, 2025). O cruzamento entre diferentes obras favoreceu a compreensão de relações conceituais e práticas, fortalecendo a argumentação teórica.

A análise documental foi conduzida com rigor metodológico, incluindo verificação da consistência das informações e avaliação de possíveis contradições entre as fontes. Essa etapa assegura que os dados utilizados reflitam com fidelidade os conceitos e práticas descritos na literatura, evitando interpretações equivocadas (Fávero; Centenaro, 2019). O olhar crítico do pesquisador é essencial, pois permite distinguir entre evidências consolidadas e conjecturas teóricas, promovendo reflexão fundamentada e original.

A triangulação de dados constitui elemento relevante para conferir robustez à pesquisa, pois compara informações provenientes de diferentes autores, contextos e formatos. Este procedimento possibilita evidenciar convergências e divergências, fornecendo panorama abrangente sobre a aplicação da neurociência na educação (Morales, 2022; Page et al., 2021). O cruzamento de informações fortalece a validade do estudo, permitindo identificar elementos que podem subsidiar propostas pedagógicas inovadoras.

O processo de análise considerou também a temporalidade das publicações, priorizando trabalhos recentes que dialogam com as tendências atuais da educação e da neurociência. Essa estratégia garante que as reflexões e recomendações construídas no artigo estejam alinhadas às

práticas contemporâneas, refletindo avanços científicos e pedagogias emergentes (Ribeiro; Padovan Neto, 2025).

A leitura crítica dos textos incluiu interpretação de conceitos centrais, relações entre teoria e prática, e reflexões sobre metodologias educacionais. Tal abordagem permite compreender não apenas o conteúdo, mas também os contextos de produção do conhecimento, destacando como a neurociência contribui para o planejamento e a intervenção pedagógica (Silva; Ischkanian; Cabral et al., 2025). A análise interpretativa fortalece a compreensão da complexidade do processo de aprendizagem e do desenvolvimento humano.

O delineamento da pesquisa assegura que cada etapa metodológica esteja alinhada aos objetivos do estudo, permitindo que os resultados sejam consistentes e fundamentados. A articulação entre bibliografia e documentação oferece base sólida para discussão teórica, ao mesmo tempo em que evidencia lacunas e oportunidades para investigação futura (Narciso; Santana, 2025).

O foco em abordagem qualitativa possibilita apreender nuances do fenômeno educativo que não seriam captadas por métodos quantitativos. A interpretação detalhada de textos acadêmicos oferece visão aprofundada sobre como neurociência, cuidado e desenvolvimento humano se articulam na prática pedagógica (Creswell, 2021). A escolha deste caminho metodológico privilegia compreensão e significado sobre medidas estatísticas.

A pesquisa bibliográfica e documental permite também a construção de categorias analíticas flexíveis, que podem ser adaptadas conforme os achados emergentes (Galvão; Ricarte, 2019). Essa flexibilidade é essencial para lidar com a complexidade do tema, permitindo que interpretações inovadoras sejam incorporadas à análise.

A triagem criteriosa dos documentos garantiu que apenas materiais relevantes, consistentes e cientificamente reconhecidos fossem incluídos, promovendo confiabilidade ao estudo (Fávero; Centenaro, 2019). O processo de seleção envolveu leitura preliminar e avaliação da pertinência temática, estabelecendo parâmetros objetivos para inclusão das obras.

A categorização temática favoreceu a síntese de informações, permitindo organizar dados em eixos conceituais que dialogam com o objetivo central da pesquisa. Essa organização possibilita análise detalhada de elementos como funções cognitivas, plasticidade cerebral, aprendizagem socioemocional e metodologias pedagógicas (Ribeiro; Padovan Neto, 2025).

O cruzamento das informações entre autores diferentes revelou convergências sobre práticas educativas eficazes, bem como divergências que permitem reflexão crítica e propostas inovadoras (Morales, 2022). Este procedimento contribui para a construção de narrativa argumentativa consistente e fundamentada.

O estudo buscou também avaliar criticamente o rigor metodológico das publicações analisadas, identificando possíveis lacunas, limitações e vieses. Esta etapa é essencial para que as conclusões sejam confiáveis e baseadas em evidências sólidas (Page et al., 2021).

A análise interpretativa permitiu compreender a influência de variáveis cognitivas, emocionais e sociais no aprendizado, evidenciando como a neurociência pode fundamentar práticas pedagógicas mais humanas e eficazes (Silva; Ischkanian; Cabral et al., 2025). O diálogo entre teoria e prática proporciona compreensão ampla sobre desenvolvimento e cuidado na educação.

A metodologia adotada possibilitou a sistematização das informações coletadas, assegurando que a discussão teórica do artigo estivesse alicerçada em dados consistentes e pertinentes (Narciso; Santana, 2025). A leitura crítica e a categorização das obras permitiram organizar o conhecimento de maneira clara e articulada.

O procedimento metodológico adotado garantiu rigor, coerência e profundidade na análise, permitindo que o artigo apresentasse contribuições significativas sobre neurociência aplicada à educação (Fávero; Centenaro, 2019; Ribeiro; Padovan Neto, 2025). A articulação entre leitura crítica, categorização temática e cruzamento de dados assegura que as conclusões reflitam não apenas o conteúdo das publicações, mas também seu significado e relevância para a prática pedagógica contemporânea.

2.2. NEUROCIÊNCIA: COMPREENSÃO DO FUNCIONAMENTO CEREBRAL NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

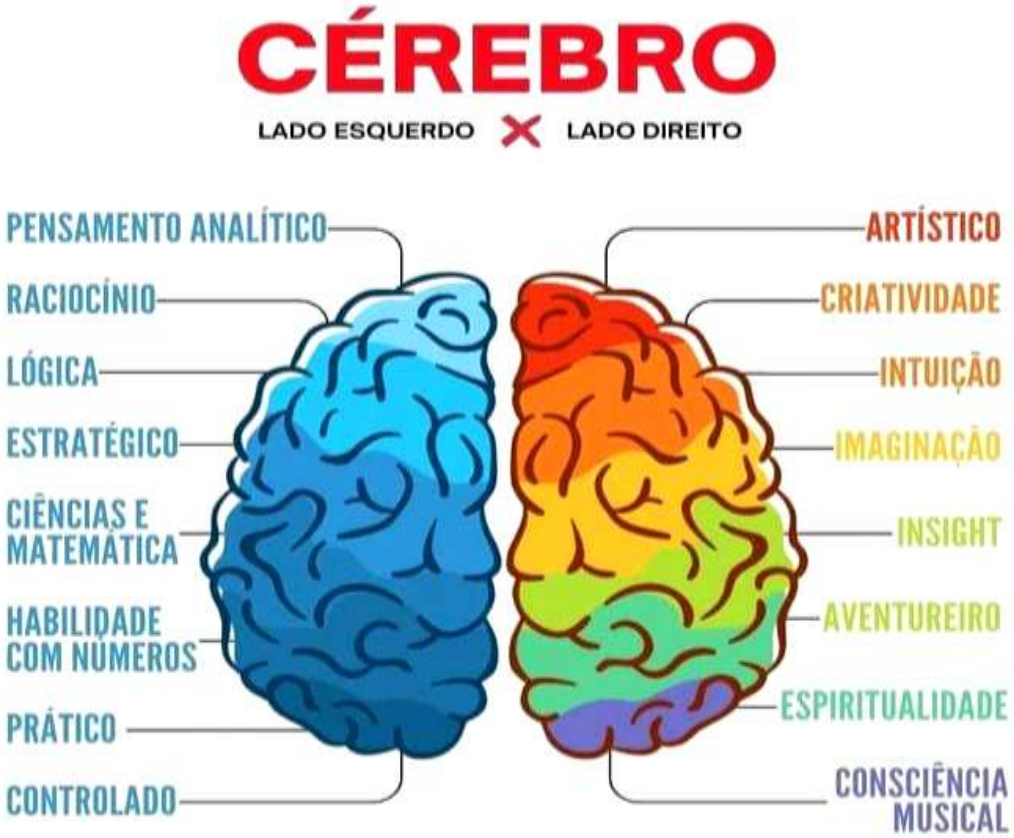
A compreensão das funções cerebrais constitui base essencial para práticas pedagógicas fundamentadas cientificamente. Estudos indicam que estruturas como córtex pré-frontal, hipocampo e amígdala desempenham papéis centrais na memória, atenção e regulação emocional, influenciando diretamente o aprendizado (Cosenza; Guerra, 2011). A articulação desses processos permite ao educador planejar estratégias que considerem tanto aspectos cognitivos quanto socioemocionais, promovendo experiências educativas mais integradas e significativas.

A plasticidade cerebral demonstra que o cérebro é dinâmico, remodelando-se em resposta a estímulos e experiências vividas (Belchior; Ischkanian; Cabral et al., 2025a). Esse fenômeno revela que cada intervenção pedagógica pode gerar mudanças estruturais e funcionais, desde que alinhada à maturidade cognitiva e ao contexto emocional do aluno. A aplicação desse conhecimento favorece a personalização do ensino, possibilitando que atividades sejam adaptadas às diferentes necessidades e ritmos de aprendizagem.

A memória de trabalho é um elemento crucial para a aprendizagem, pois atua na retenção temporária de informações necessárias para resolver problemas e executar tarefas complexas (Campos; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Pesquisas mostram que técnicas que estimulam atenção

focada e associação de conteúdos melhoram significativamente a consolidação da memória. Estratégias pedagógicas que integram revisões periódicas, exercícios práticos e contextualização dos conceitos contribuem para uma aprendizagem duradoura.

A atenção é outro processo cerebral determinante, pois permite que informações relevantes sejam selecionadas e processadas de forma eficiente (Cosenza; Guerra, 2011). Estudos apontam que ambientes ricos em estímulos, porém organizados, aumentam a capacidade de concentração e reduzem a dispersão cognitiva. Compreender como modular distrações e estruturar tarefas facilita o engajamento do estudante, impactando positivamente a aquisição de conhecimentos.



Fonte: https://www.google.com. Acesso em 14/01/2026.

A figura 1 apresentada ilustra a divisão funcional entre os hemisférios esquerdo e direito do cérebro, destacando a especialização de diferentes áreas em habilidades cognitivas e criativas. Pesquisas em neurociência indicam que o hemisfério esquerdo está mais associado a pensamento analítico, raciocínio lógico, habilidades matemáticas e organização sequencial de informações, enquanto o hemisfério direito se relaciona com criatividade, intuição, imaginação e processamento emocional (Cosenza; Guerra, 2011). Essa diferenciação funcional evidencia como diversos tipos de aprendizagem podem ser favorecidos por atividades pedagógicas específicas que estimulam os dois lados do cérebro.

O ensino de conteúdos matemáticos e científicos, por exemplo, beneficia-se do envolvimento do hemisfério esquerdo, responsável por habilidades numéricas, raciocínio lógico e planejamento estratégico (Campos; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Atividades que exigem cálculo, análise de dados e resolução de problemas promovem a ativação de circuitos neuronais ligados à lógica e à memória operacional, contribuindo para a construção de conhecimento estruturado e consolidado. A imagem reforça visualmente que essas competências são centrais para a aprendizagem analítica.

Por outro lado, o hemisfério direito, associado à criatividade, imaginação e percepção global, desempenha papel crucial no desenvolvimento de habilidades socioemocionais e artísticas (Belchior; Ischkanian; Cabral et al., 2025a). Ao integrar estratégias pedagógicas que envolvem desenho, dramatização, música e resolução de problemas de forma aberta, é possível estimular o processamento intuitivo e criativo, permitindo aos alunos encontrar soluções inovadoras e compreender conceitos de maneira mais abrangente.

A integração dos hemisférios cerebral é fundamental para uma aprendizagem completa. Estudos indicam que atividades que combinam análise lógica com criatividade promovem a comunicação inter-hemisférica e fortalecem a plasticidade cerebral (Rotta, 2016b). A representação visual na imagem sugere que uma educação eficaz deve explorar o potencial de ambos os lados do cérebro, promovendo experiências que articulem pensamento analítico e artístico, raciocínio lógico e imaginação, atendendo a diferentes estilos cognitivos.

A neurociência aplicada à educação reforça que métodos de ensino que estimulam simultaneamente ambos os hemisférios promovem maior retenção de informações e compreensão profunda (Sprenger, 2008). A imagem evidencia que o desenvolvimento de habilidades práticas e controladas, típicas do hemisfério esquerdo, quando combinado com exploração artística e intuitiva do hemisfério direito, cria condições para um aprendizado mais equilibrado e integrado.

No contexto educacional, a compreensão das especializações hemisféricas permite ao professor diversificar estratégias didáticas e recursos pedagógicos. Campos; Ischkanian; Cabral et al. (2025) destacam que o uso de metodologias ativas, experimentação prática e exercícios criativos favorece a ativação simultânea de múltiplas áreas cerebrais, promovendo maior engajamento, motivação e eficácia no aprendizado. A imagem funciona como ferramenta de visualização para compreender como diferentes habilidades cognitivas podem ser trabalhadas de maneira complementar.

A neurociência oferece subsídios para que o processo educativo respeite a diversidade cognitiva dos alunos, considerando a predominância funcional de cada hemisfério em determinadas atividades (Cosenza; Guerra, 2011). A imagem apresentada ilustra a necessidade de abordagens pedagógicas que promovam tanto o desenvolvimento do raciocínio lógico quanto a criatividade, destacando que o aprendizado integral depende do equilíbrio entre análise, intuição,

imaginação e percepção emocional. Dessa forma, a compreensão do funcionamento cerebral torna-se ferramenta essencial para planejar experiências educativas mais eficazes e inclusivas.

Funções executivas, incluindo planejamento, controle inibitório e flexibilidade cognitiva, são essenciais para a aprendizagem autônoma (Braga; Ischkanian; Cabral et al., 2025). A investigação dessas funções demonstra que a capacidade de organizar pensamentos, ajustar estratégias e regular impulsos influencia diretamente o desempenho acadêmico. Estratégias educativas que estimulam essas habilidades contribuem para a construção de competências cognitivas aplicáveis a diferentes contextos.

O conhecimento sobre neurodesenvolvimento infantil permite compreender a sequência e o ritmo com que habilidades cognitivas emergem (Belchior; Ischkanian; Cabral et al., 2025b). Pesquisas destacam que intervenções pedagógicas precoces, adaptadas à maturidade cerebral, promovem melhores resultados em leitura, escrita e raciocínio lógico. Essa perspectiva evidencia a importância de planejamento pedagógico que respeite etapas de desenvolvimento e potencialize habilidades cognitivas em formação.

A integração de aspectos emocionais no processo de ensino é fundamental, pois estados afetivos modulam a eficiência cognitiva (Cosenza; Guerra, 2011). Evidências mostram que alunos expostos a ambientes seguros e motivadores apresentam maior atenção, memória e capacidade de resolver problemas. Estratégias pedagógicas que valorizem o vínculo emocional e a autorregulação favorecem aprendizado sustentável e desenvolvimento socioemocional.

A aprendizagem colaborativa potencializa a ativação de circuitos neurais relacionados à comunicação e resolução conjunta de problemas (Cohen; Lotan, 2017). Estudos indicam que o trabalho em grupo estimula funções executivas, promove empatia e fortalece habilidades sociais. O uso planejado de interações coletivas permite que o conhecimento seja co-construído, fortalecendo processos cognitivos e habilidades de autorregulação.

A aplicação de tecnologias educacionais, quando alinhada à neurociência, oferece oportunidades para estimular múltiplas áreas cerebrais (Braga; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Recursos digitais interativos favorecem aprendizagem personalizada, fornecem feedback imediato e ampliam possibilidades de engajamento. A mediação tecnológica, orientada por evidências científicas, transforma o processo educativo em experiência dinâmica e adaptativa.

O entendimento das bases neurobiológicas da aprendizagem possibilita identificar fatores que dificultam a aquisição de conhecimento, incluindo déficits de atenção, sobrecarga cognitiva e ansiedade (Belchior; Ischkanian; Cabral et al., 2025b). A partir desse diagnóstico, o professor pode ajustar estratégias, criar rotinas estruturadas e oferecer suporte individualizado. A atuação pedagógica fundamentada na ciência do cérebro garante intervenções mais eficazes e inclusivas.

A integração entre neurociência e educação promove reflexão crítica sobre como e por que o aprendizado ocorre (Cosenza; Guerra, 2011). Compreender os mecanismos cerebrais, suas

interações com emoções e contextos sociais, e a influência de práticas pedagógicas permite construir ambientes educativos mais eficientes e humanizados. Essa perspectiva fornece subsídios para repensar metodologias, priorizando aprendizagem significativa e desenvolvimento integral do estudante.

2.3. DIÁLOGO ENTRE NEUROCIÊNCIA E EDUCAÇÃO PARA PRÁTICAS PEDAGÓGICAS MELHORES

O diálogo entre neurociência e educação tem se mostrado essencial para compreender como o aprendizado ocorre e como as práticas pedagógicas podem ser aprimoradas. Pesquisas indicam que a maturidade cerebral influencia diretamente a aquisição de habilidades cognitivas e linguísticas, sendo fundamental que os métodos de ensino considerem essas bases biológicas (Demo; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Essa integração entre ciência e prática pedagógica permite que estratégias educativas sejam ajustadas às necessidades individuais, promovendo resultados mais consistentes no desenvolvimento acadêmico e socioemocional dos alunos.

O estudo das funções executivas contribui para entender como planejamento, controle inibitório e memória de trabalho afetam o desempenho escolar (Dias; Seabra, 2013). Professores que compreendem essas funções podem estruturar atividades que estimulem autonomia, organização e resolução de problemas, promovendo experiências que fortalecem circuitos cerebrais relacionados à atenção e à regulação emocional. A análise neurocientífica oferece parâmetros para criar ambientes que favoreçam aprendizagem ativa e engajamento efetivo.

A alfabetização constitui um exemplo concreto da aplicação da neurociência à educação, uma vez que a leitura envolve múltiplas áreas cerebrais e processos integrados de percepção, memória e linguagem (Ferreira; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Estudos sobre neurodesenvolvimento infantil demonstram que a exposição precoce a estímulos ricos em linguagem e interação social contribui para a consolidação de habilidades fonológicas e cognitivas essenciais. A compreensão dessas bases permite que professores organizem sequências pedagógicas progressivas e adequadas às etapas de desenvolvimento do estudante.

As emoções exercem papel central no aprendizado, modulando a atenção, a motivação e a memória (Damásio, 2006; Fonseca, 2016). Pesquisas mostram que experiências afetivas positivas potencializam a plasticidade neural, facilitando a retenção de informações e a resolução de problemas complexos. A incorporação de estratégias pedagógicas que valorizem o vínculo afetivo entre professor e aluno promove ambientes de aprendizagem mais seguros e estimulantes, capazes de integrar aspectos cognitivos e socioemocionais de forma equilibrada.

O desenvolvimento de metodologias ativas exemplifica como o conhecimento neurocientífico pode ser traduzido em práticas educativas concretas (Campos; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Atividades de experimentação, resolução de problemas e trabalho colaborativo

favorecem a ativação de múltiplas regiões cerebrais, fortalecendo redes neurais associadas ao raciocínio lógico, à criatividade e à memória operacional. A aplicação intencional dessas metodologias permite que conceitos complexos sejam internalizados de forma mais eficiente e significativa.

A análise da interação entre teoria e prática evidencia que a aprendizagem não ocorre de maneira isolada, mas está imersa em contextos sociais, culturais e afetivos (Ferreira; Ischkanian; Cabral et al., 2025). O entendimento das relações entre processos cognitivos e ambientes de ensino auxilia na criação de estratégias que considerem diversidade de perfis, estilos de aprendizagem e ritmos individuais. Essa abordagem promove inclusão e equidade, respeitando diferenças e potencializando habilidades singulares de cada estudante.

O estudo do cérebro humano evidencia a importância da plasticidade neural, permitindo que experiências pedagógicas estruturadas e repetidas reforcem conexões sinápticas (Damásio, 2006). Professores que compreendem como o cérebro responde a estímulos e desafios podem criar oportunidades para prática deliberada, revisões espaçadas e feedbacks imediatos, promovendo aprendizagem duradoura e desenvolvimento cognitivo contínuo. A neurociência fornece subsídios para a implementação de práticas pedagógicas mais fundamentadas e estratégicas.

O diálogo entre neurociência e educação também contribui para a compreensão das dificuldades de aprendizagem, como transtornos de leitura e atenção (Demo; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Identificar padrões cerebrais específicos permite que intervenções sejam direcionadas, personalizando o ensino e prevenindo lacunas no desenvolvimento acadêmico. A articulação entre avaliação neuropsicológica e estratégias pedagógicas favorece o planejamento de atividades que respondam às necessidades cognitivas individuais.

A motivação e o engajamento são mediados por processos cerebrais que respondem a recompensas, desafios e significado nas atividades escolares (Fonseca, 2016). Evidências sugerem que experiências educativas que despertam interesse e curiosidade aumentam a liberação de neurotransmissores como dopamina, potencializando aprendizagem e memória. Estruturar o ensino com base nesses princípios neurocientíficos contribui para práticas pedagógicas mais atrativas e eficazes, estimulando o protagonismo do estudante.

O conhecimento sobre o neurodesenvolvimento infantil reforça a importância de sequências pedagógicas graduais, respeitando o ritmo de maturação cerebral de cada criança (Demo; Ischkanian; Cabral et al., 2025). Atividades planejadas em progressão lógica, com desafios crescentes e apoio mediado, favorecem a aquisição de competências cognitivas complexas, promovendo confiança e autonomia. A ciência do cérebro oferece parâmetros para alinhar o currículo escolar às capacidades cognitivas emergentes.

A integração entre pesquisa científica e prática educativa possibilita o planejamento de metodologias inovadoras, combinando teoria, prática e avaliação constante (Dias; Seabra, 2013).

O diálogo interdisciplinar entre neurociência e educação permite que os professores compreendam não apenas o que ensinar, mas como estruturar experiências de aprendizagem que envolvam pensamento crítico, criatividade e regulação emocional. O resultado é um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz e centrado no estudante.

A aplicação dos conhecimentos neurocientíficos à pedagogia reforça que o aprendizado é um fenômeno complexo, que depende da interação entre cognição, emoção e contexto social (Damásio, 2006; Fonseca, 2016). Professores que utilizam essas descobertas podem implementar estratégias mais informadas, flexíveis e inclusivas, promovendo desenvolvimento integral e construindo experiências educativas significativas, capazes de preparar os estudantes para desafios acadêmicos e sociais de maneira eficaz e humanizada.

2.4. NEUROCIÊNCIA: ENFOQUE NO CUIDADO E NO DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL

A compreensão do processo de aprendizagem sob a perspectiva da neurociência exige reconhecer que o cérebro não opera de forma isolada, mas interage continuamente com experiências emocionais e sociais. Herculano-Houzel (2015) argumenta que as transformações cerebrais na adolescência revelam a plasticidade dinâmica que torna o indivíduo especialmente sensível a estímulos externos, destacando a importância do vínculo emocional com educadores. Esse contexto evidencia que o aprendizado não é um fenômeno exclusivamente cognitivo, mas profundamente imbricado em relações afetivas, sendo o ambiente seguro e acolhedor um catalisador do desenvolvimento integral.

O impacto das relações interpessoais na aprendizagem é evidenciado pela sincronização neural entre indivíduos, fenômeno estudado por Hu et al. (2017), que mostram como a comunicação e a empatia entre pares podem prever comportamentos pró-sociais. Tal evidência sugere que a experiência educacional não se limita à transmissão de informações, mas se dá em um contexto de interações mútuas que modulam a plasticidade sináptica. Dessa forma, a qualidade do vínculo entre educador e aluno atua como um regulador do engajamento cognitivo, potencializando o processamento de informações complexas.

A neuropsicopedagogia emerge como campo integrador, reunindo conhecimentos de neurociência e psicopedagogia para orientar intervenções educacionais inclusivas. Segundo Ischkanian et al. (2025a), compreender transtornos e distúrbios de aprendizagem, incluindo o T21, exige a observação minuciosa de fatores emocionais, comportamentais e cognitivos. A abordagem centrada no cuidado amplia o olhar do educador para além do desempenho acadêmico, promovendo estratégias que respeitam o ritmo e as particularidades de cada aprendiz.

O desenvolvimento humano integral envolve não apenas a aquisição de conteúdos, mas a formação de competências socioemocionais que sustentam a aprendizagem ao longo da vida.

Oliveira et al. (2025) enfatizam que práticas pedagógicas que integram neurociência e psicopedagogia podem fortalecer habilidades como atenção, memória e autorregulação, considerando os estados afetivos como moduladores essenciais do aprendizado. Esta visão amplia o papel da educação, tornando-a promotora de bem-estar e resiliência emocional.

A motivação intrínseca surge como elemento central na dinâmica de aprendizagem, mediada por fatores internos que ultrapassam recompensas externas imediatas. Pink (2011) demonstra que autonomia, maestria e propósito são determinantes para o engajamento sustentado, corroborando a ideia de que o cuidado e o reconhecimento emocional do educador influenciam diretamente a disposição do aluno para aprender. O cérebro responde de maneira diferenciada quando percebe que sua ação possui significado e relevância pessoal, fortalecendo circuitos neurais associados à motivação.

As tecnologias digitais assumem papel estratégico na formação de educadores, permitindo experiências pedagógicas híbridas que ampliam o alcance do cuidado e da personalização do ensino. Ischkanian et al. (2025b) descrevem que ferramentas digitais facilitam a adaptação de conteúdos às necessidades individuais, promovendo interações ricas e colaborativas. A mediação tecnológica, quando aliada à compreensão neuropsicopedagógica, cria oportunidades de fortalecer vínculos afetivos e cognitivos mesmo em contextos remotos.

A plasticidade cerebral é influenciada tanto por experiências positivas quanto por estressores ambientais, o que torna o papel do educador crítico na regulação emocional do aluno. Purves et al. (2010) destacam que neurotransmissores e circuitos corticais respondem a estímulos de apoio e segurança, modulando a atenção e a memória de trabalho. Reconhecer que o aprendizado depende de estados emocionais estáveis permite que a prática pedagógica seja construída sobre fundamentos biológicos e afetivos simultaneamente.

A inclusão educacional requer estratégias que considerem a diversidade neurocognitiva e o impacto do contexto emocional sobre a aprendizagem. Ischkanian et al. (2025a) enfatizam que intervenções individualizadas e mediadas por empatia podem transformar obstáculos em oportunidades de desenvolvimento, promovendo autonomia e autoconfiança. O cuidado se manifesta na capacidade do educador de adaptar a experiência de aprendizagem às singularidades de cada aluno, fortalecendo não apenas o conhecimento, mas também a autoestima e a capacidade de socialização.

O vínculo afetivo entre professor e estudante exerce função reguladora sobre processos de atenção e memorização, favorecendo a consolidação de aprendizagens significativas. Herculano-Houzel (2015) aponta que a sensibilidade emocional do adolescente cria janelas de oportunidade para reforçar conexões neurais que sustentam habilidades cognitivas avançadas. Essa perspectiva reforça que o aprendizado não é apenas acumulativo, mas depende da qualidade das interações que o cercam.

O desenvolvimento de competências socioemocionais, integradas ao currículo acadêmico, promove ambientes de aprendizagem mais saudáveis e produtivos. Oliveira et al. (2025) sugerem que práticas que combinam estímulos cognitivos e afetivos potencializam a plasticidade cerebral, tornando os alunos mais preparados para resolver problemas complexos. O cuidado educacional, nesse contexto, assume caráter preventivo, reduzindo conflitos e promovendo a autorregulação emocional como base para a aquisição de novos conhecimentos.

A avaliação do aprendizado ganha dimensão mais ampla quando considera indicadores afetivos e sociais, além do desempenho cognitivo. Purves et al. (2010) indicam que o cérebro processa informações de forma diferenciada quando emoções e contexto social estão envolvidos, reforçando a necessidade de metodologias avaliativas que contemplem múltiplas dimensões do desenvolvimento humano. Essa abordagem amplia o conceito de sucesso escolar, vinculando-o à capacidade do aluno de se engajar de forma plena e integrada no processo educativo.

A construção de ambientes educacionais que valorizem cuidado, vínculo e atenção às emoções configura uma prática pedagógica inovadora e transformadora. Hu et al. (2017) demonstram que a co-regulação emocional e a sincronização cerebral entre indivíduos potencializam a aprendizagem colaborativa, tornando o ensino mais eficiente e humano. Inserir a neurociência no cotidiano escolar significa reconhecer que aprender é experimentar, sentir e interagir, consolidando uma educação que respeita o cérebro e o coração do aprendiz.

2.5. NEUROCIÊNCIA: APOIO À PERSONALIZAÇÃO DO ENSINO E À INCLUSÃO

A compreensão da diversidade de aprendizagem exige reconhecer que o cérebro não segue um padrão uniforme e que cada estudante manifesta ritmos e estilos cognitivos distintos. Herculano-Houzel (2015) ressalta que, na adolescência, estruturas cerebrais ainda em desenvolvimento criam sensibilidade particular a estímulos sociais e afetivos, o que influencia significativamente o processo educativo. A observação cuidadosa dessas variações permite que a prática pedagógica se torne mais personalizada, respeitando as singularidades de cada aluno e fomentando ambientes de aprendizado inclusivos.

O papel das emoções na aprendizagem transcende o mero estado afetivo, atuando como modulador de redes neurais que processam informações complexas. Fonseca (2016) argumenta que estados emocionais positivos fortalecem conexões sinápticas e promovem retenção de conhecimento, enquanto emoções negativas podem comprometer o engajamento cognitivo. Reconhecer essa interação implica planejar atividades pedagógicas que estimulem curiosidade e segurança, transformando o cuidado emocional em ferramenta central da educação personalizada.

A sincronização neural entre indivíduos evidencia como a interação social afeta diretamente o desenvolvimento cognitivo. Hu et al. (2017) demonstram que a coordenação cerebral entre pares antecipa comportamentos pró-sociais, sugerindo que a aprendizagem não

ocorre isoladamente, mas em rede de relações interpessoais. O reconhecimento desses mecanismos permite que educadores adotem práticas colaborativas, promovendo cooperação e empatia enquanto respeitam ritmos individuais de assimilação de conhecimento.

A inclusão educacional exige atenção especial às condições neurológicas e cognitivas que diferenciam cada estudante. Ischkanian et al. (2025a) destacam que o acompanhamento de alunos com transtornos de aprendizagem, como aqueles portadores de T21, requer estratégias que alinhem estímulos cognitivos e emocionais. O planejamento pedagógico atento às necessidades específicas cria oportunidades de equidade, permitindo que cada aluno se desenvolva plenamente dentro de sua capacidade única.

O desenvolvimento integral de habilidades cognitivas e socioemocionais depende da maturidade cerebral e da plasticidade neuronal. Rotta (2016b) enfatiza que o cérebro mantém capacidade de reorganização ao longo da vida, sendo particularmente responsivo a experiências enriquecedoras e diversificadas. Aproveitar essa plasticidade no contexto educativo possibilita ajustar métodos e ritmos de ensino, fortalecendo competências individuais sem comprometer a inclusão de diferentes perfis de aprendizagem.

A motivação intrínseca representa um fator crítico na personalização do ensino, influenciando a disposição do aluno para explorar novos conteúdos. Pink (2011) argumenta que autonomia, propósito e domínio são motores essenciais para engajamento sustentável, evidenciando que alunos motivados por interesses pessoais aprendem com mais profundidade e retenção. Reconhecer esses elementos permite estruturar experiências educacionais que respeitem escolhas individuais e fomentem sentido pessoal no aprendizado.

A alfabetização e o desenvolvimento inicial da aprendizagem dependem do alinhamento entre maturidade cerebral e estratégias pedagógicas adequadas. Silva et al. (2025) indicam que a compreensão das etapas de neurodesenvolvimento infantil facilita a adaptação de métodos de leitura e escrita, garantindo que o aluno compreenda e internalize conteúdos de forma eficaz. Essa atenção às etapas cerebrais e cognitivas é fundamental para evitar lacunas de aprendizado e reforçar a inclusão desde os primeiros anos escolares.

A utilização de tecnologias digitais amplia a capacidade de atender às particularidades de cada estudante, permitindo ensino híbrido e adaptativo. Ischkanian et al. (2025b) descrevem que plataformas digitais possibilitam individualização de conteúdos e monitoramento de desempenho em tempo real, promovendo experiências de aprendizagem mais eficazes e inclusivas. Integrar recursos tecnológicos à compreensão neuropsicopedagógica fortalece a personalização, garantindo que cada aluno receba estímulos ajustados às suas necessidades cognitivas.

A memória desempenha papel crucial na consolidação do conhecimento, influenciada por fatores emocionais, contexto social e estratégias pedagógicas empregadas. Sprenger (2008) enfatiza que técnicas que exploram repetição espaçada, associações significativas e engajamento

ativo potencializam a retenção e facilitam o aprendizado de conteúdos complexos. Incorporar essas práticas ao planejamento individualizado assegura que alunos com diferentes estilos cognitivos tenham oportunidades equivalentes de sucesso acadêmico.

O desenvolvimento de competências socioemocionais deve ser integrado à aprendizagem cognitiva, permitindo que o estudante gerencie emoções, desenvolva empatia e colabore de forma eficaz. Wallon (1995) propõe que a educação do caráter e da afetividade é inseparável da aquisição de conhecimentos, reforçando a ideia de que incluir dimensões emocionais no ensino amplia o potencial de aprendizado e a participação ativa em atividades escolares. Essa perspectiva reforça a centralidade do cuidado no ambiente educacional.

A perspectiva sociocultural complementa o olhar neuropsicopedagógico, mostrando que interação, linguagem e mediação do educador são determinantes no desenvolvimento cognitivo. Vygotsky (1993) indica que o aprendizado ocorre na zona de desenvolvimento proximal, onde o apoio ajustado do professor possibilita que o aluno supere limitações temporárias e alcance maior autonomia. Aplicar essa teoria permite criar experiências de ensino individualizadas, fortalecendo a inclusão sem fragmentar o coletivo escolar.

A integração entre neurociência e práticas pedagógicas representa avanço estratégico para personalização e inclusão educacional. Oliveira et al. (2025) demonstram que programas que combinam observação neuropsicopedagógica, estímulo cognitivo e suporte emocional geram resultados superiores no desempenho acadêmico e na adaptação social. O planejamento consciente, fundamentado em evidências científicas sobre desenvolvimento cerebral e necessidades individuais, assegura que cada aluno seja compreendido em sua totalidade, promovendo uma educação equitativa, eficaz e sensível às singularidades humanas.

2.6. NEUROCIÊNCIA: APLICAÇÃO DE EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS EM PRÁTICAS EDUCATIVAS CONCRETAS

A aplicação de evidências neurocientíficas em contextos educacionais requer compreensão detalhada de como o cérebro aprende e se adapta às experiências pedagógicas. Cosenza e Guerra (2011) demonstram que processos de atenção, memória e funções executivas não são homogêneos e podem ser modulados por estímulos planejados, enfatizando a necessidade de práticas educativas que respeitem ritmos individuais. Essa perspectiva permite traduzir descobertas científicas em estratégias didáticas concretas, promovendo aprendizagem significativa e duradoura.

A elaboração de materiais pedagógicos baseados em neurociência possibilita engajar múltiplos sistemas cognitivos simultaneamente, favorecendo assimilação e retenção de informações. Belchior et al. (2025a) mostram que a construção de materiais recicláveis, ajustados ao nível de desenvolvimento infantil, contribui para processos de exploração sensorial, raciocínio

lógico e criatividade, estabelecendo práticas inclusivas. O planejamento consciente desses recursos potencializa interações ativas, transformando experiências concretas em oportunidades de aprendizagem contextualizada.

A atenção às funções executivas é um componente central do ensino fundamentado em evidências neurocientíficas. Dias e Seabra (2013) destacam que a capacidade de planejamento, inibição e flexibilidade cognitiva pode ser estimulada por atividades estruturadas e adaptadas ao estágio de desenvolvimento do aluno. Integrar tais práticas ao cotidiano escolar permite que estudantes exerçam autonomia, tomem decisões conscientes e desenvolvam estratégias cognitivas que favoreçam a resolução de problemas complexos.

A alfabetização constitui um campo particularmente sensível à aplicação de neurociência educacional, devido à complexidade das habilidades envolvidas. Demo et al. (2025) ressaltam que a maturidade cerebral influencia diretamente a aquisição da leitura, evidenciando que estratégias diferenciadas de ensino, ajustadas à etapa de desenvolvimento, aumentam a eficácia do aprendizado. A personalização de atividades de leitura e escrita, fundamentada em evidências, reduz lacunas cognitivas e fortalece a consolidação de habilidades linguísticas essenciais.

Metodologias ativas oferecem suporte à implementação de descobertas neurocientíficas na prática educativa, promovendo engajamento e construção colaborativa de conhecimento. Campos et al. (2025) evidenciam que atividades matemáticas estruturadas de forma interativa aumentam a participação, a compreensão conceitual e o desenvolvimento de pensamento lógico, refletindo a influência de experiências significativas sobre circuitos neurais. A interação dinâmica com conteúdos permite que o cérebro estabeleça conexões mais robustas, favorecendo aprendizagem profunda.

O trabalho em grupo heterogêneo constitui estratégia eficaz para explorar princípios de neurociência aplicados à aprendizagem social e cognitiva. Cohen e Lotan (2017) destacam que agrupamentos bem planejados estimulam cooperação, resolução de conflitos e construção compartilhada de conhecimento, simultaneamente respeitando diferenças individuais. Essa abordagem promove ambientes inclusivos e fortalece habilidades socioemocionais, conectando a ciência do cérebro às práticas pedagógicas concretas.

A motivação e o engajamento são catalisadores essenciais na tradução da neurociência em educação prática. Pink (2011) argumenta que autonomia, propósito e domínio ampliam o engajamento cognitivo, sendo fatores determinantes na persistência e na aprendizagem de longo prazo. Incorporar atividades que promovam interesse pessoal e significado intrínseco ao estudo conecta estratégias pedagógicas a mecanismos neurais que facilitam atenção sustentada e memória operacional.

A integração das contribuições de Piaget, Vygotsky e Wallon com evidências neurocientíficas permite criar experiências pedagógicas alinhadas ao desenvolvimento cognitivo

real do aluno. Ferreira et al. (2025) demonstram que a articulação entre estágios de desenvolvimento, mediação social e manipulação de materiais concretos favorece aprendizagem ativa e significativa. Essa abordagem fortalece a construção de conceitos e habilidades cognitivas de forma progressiva, respeitando maturidade neurológica e ritmos individuais.

A implementação de estudos de caso em sala de aula evidencia a aplicabilidade prática de intervenções neuropsicopedagógicas. Belchior et al. (2025b) relatam que observações sistemáticas e adaptações baseadas em respostas individuais de alunos permitem ajustes contínuos no ensino, otimizando a retenção e a transferência de conhecimento. O uso de dados empíricos para informar decisões pedagógicas traduz a pesquisa científica em ação concreta, consolidando a efetividade do ensino.

O planejamento educacional estratégico, fundamentado em neurociência, amplia oportunidades de engajamento e personalização do ensino. Braga et al. (2025) defendem que mapear objetivos de aprendizagem, distribuir estímulos e organizar atividades em sequências cognitivamente coerentes potencializa atenção e memória de trabalho. Essa abordagem transforma a sala de aula em um espaço estruturado, onde estímulos, desafios e suporte são calibrados para atender múltiplas necessidades de aprendizagem simultaneamente.

A interseção entre neurociência e práticas inclusivas evidencia que compreender o cérebro vai além de manipular conteúdos; envolve considerar contexto, emoção e interação social. Damásio (2006) demonstra que emoções moldam raciocínio e decisão, indicando que experiências afetivas positivas amplificam a aprendizagem. Incorporar esses princípios permite que professores criem ambientes estimulantes e seguros, nos quais o conhecimento é internalizado de forma eficiente e significativa.

A epítome de evidências neurocientíficas em ações pedagógicas concretas configura um modelo educacional que combina ciência, criatividade e prática. Belchior et al. (2025a) destacam que a construção de materiais adaptativos, estudos de caso e planejamento estratégico produzem resultados mensuráveis em engajamento, retenção e desenvolvimento cognitivo. Traduzir o funcionamento cerebral em ações didáticas é fundamental para transformar a educação em um processo inclusivo, eficaz e alinhado com as necessidades reais dos aprendizes.

3. CONCLUSÃO

A integração da neurociência à educação evidencia que o aprendizado não se limita à aquisição de conteúdos, mas envolve processos complexos que conectam emoção, cognição e interação social. A compreensão de que cada cérebro possui ritmos, sensibilidades e respostas singulares reforça a necessidade de práticas pedagógicas centradas no cuidado, capazes de reconhecer e valorizar a singularidade de cada estudante. O educador, ao perceber o aluno como

um ser integral, transforma a aprendizagem em experiência significativa, conectando conhecimento a vivências, sentimentos e motivações pessoais.

O desenvolvimento humano integral emerge como eixo central dessa abordagem, pois compreender os processos neurobiológicos que sustentam a atenção, a memória e a autorregulação permite criar ambientes propícios ao crescimento emocional e intelectual. Quando o ensino é planejado considerando essas dimensões, os alunos se sentem reconhecidos e apoiados, o que potencializa sua disposição para aprender, experimentar e superar desafios. Essa integração entre ciência e prática pedagógica demonstra que cuidado e aprendizagem não são conceitos paralelos, mas elementos indissociáveis do desenvolvimento.

A personalização do ensino se apresenta como consequência natural da aplicação de princípios neurocientíficos, oferecendo oportunidades para que cada estudante avance em seu próprio ritmo. Ao considerar diferenças cognitivas, emocionais e sociais, o educador pode construir trajetórias de aprendizagem que respeitem talentos e necessidades específicas. Esse processo fortalece a autonomia, incentiva a responsabilidade pelo próprio aprendizado e estimula o protagonismo do aluno, tornando-o participante ativo de sua formação.

O ambiente emocional e social desempenha papel decisivo na consolidação de conhecimentos, pois experiências seguras, acolhedoras e desafiadoras promovem ativação cerebral favorável à aprendizagem. A conexão afetiva entre educador e estudante cria espaço para que erros sejam percebidos como oportunidades de crescimento, reforçando a confiança e a motivação intrínseca. Quando esses vínculos são fortalecidos, a aprendizagem transcende o conteúdo, envolvendo também competências socioemocionais essenciais para a vida acadêmica e pessoal.

O ensino baseado em evidências neurocientíficas oferece ferramentas concretas para transformar práticas pedagógicas, permitindo que estratégias de estímulo, organização de tarefas e mediação de experiências sejam ajustadas às necessidades reais dos alunos. Essa abordagem reduz frustrações, potencializa engajamento e facilita a internalização de conceitos complexos. A educação, nesse contexto, se torna mais eficiente, sensível e humanizada, conectando objetivos cognitivos a dimensões afetivas e motivacionais.

O cuidado e a atenção à diversidade ampliam a inclusão, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas diferenças, tenham acesso a experiências significativas de aprendizado. O reconhecimento das singularidades de cada indivíduo não apenas favorece o desenvolvimento acadêmico, mas também fortalece autoestima, empatia e habilidades sociais. Uma educação inclusiva, alicerçada na compreensão das potencialidades do cérebro, transforma a sala de aula em espaço de pertencimento, respeito e colaboração.

A interdisciplinaridade entre neurociência, psicologia e pedagogia cria oportunidades para inovações educacionais que integram ciência e prática. Ao compreender como o cérebro responde a estímulos, organiza informações e regula emoções, o educador é capaz de planejar

atividades que potencializam aprendizagem, engajamento e criatividade. Esse diálogo entre conhecimento científico e ação pedagógica fortalece a confiança do professor e amplia sua capacidade de promover experiências educativas mais completas e enriquecedoras.

A promoção de ambientes de aprendizagem positivos, que conectam cuidado e desenvolvimento cognitivo, contribui para que os alunos se sintam motivados a explorar, questionar e criar. A valorização da curiosidade e do interesse pessoal fortalece a motivação intrínseca, tornando o estudo mais prazeroso e significativo. Quando a educação reconhece o aluno como sujeito integral, o aprendizado se torna processo transformador, capaz de moldar não apenas o conhecimento, mas também o caráter, a autonomia e a capacidade de colaborar com outros.

Essa perspectiva amplia a compreensão do papel do educador, que deixa de ser apenas transmissor de conteúdos para tornar-se mediador de experiências integradas ao desenvolvimento cerebral e emocional do aluno. O planejamento pedagógico passa a considerar não apenas objetivos cognitivos, mas também a forma como cada estudante processa informações, regula emoções e se relaciona com colegas. O cuidado aplicado de maneira estratégica transforma erros em oportunidades de aprendizado, desafios em estímulos motivadores e a sala de aula em ambiente de exploração segura e significativa. Ao reconhecer que a aprendizagem é inseparável da experiência afetiva, a prática educativa se torna mais sensível, flexível e capaz de responder a múltiplas formas de pensar, sentir e agir, oferecendo trajetórias de desenvolvimento verdadeiramente personalizadas.

Essa integração entre neurociência e educação abre espaço para inovação contínua, permitindo que métodos, recursos e tecnologias sejam adaptados às necessidades reais dos estudantes e às demandas de um mundo em constante transformação. A valorização das singularidades individuais não apenas fortalece competências acadêmicas, mas também promove habilidades socioemocionais essenciais, como empatia, colaboração e resiliência.

O resultado é uma educação que prepara cidadãos conscientes, críticos e criativos, capazes de enfrentar desafios complexos e contribuir de forma ética e significativa para a sociedade. Nesse horizonte, o aprendizado deixa de ser um processo linear e homogêneo, tornando-se um caminho dinâmico e plural, onde ciência, cuidado e experiência humana se encontram para construir o futuro da educação. Essa perspectiva amplia a noção de ensino, integrando aspectos emocionais, sociais e cognitivos em experiências que valorizam a singularidade de cada estudante. O diálogo entre neurociência, pedagogia e práticas inclusivas fortalece o desenvolvimento integral, promovendo habilidades de pensamento crítico, colaboração e resolução de problemas. Ao reconhecer o potencial de cada indivíduo, a educação se transforma em um espaço de crescimento contínuo, motivação e engajamento profundo.

REFERÊNCIAS

BELCHIOR, Idênis Glória; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; CARVALHO, Silvana Nascimento de; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; VENDITTE, Neusa; GRUPO ESCOTEIRO JOÃO OSCALINO. **Neuropsicopedagogia, Piaget e o desenvolvimento infantil: contribuições para práticas pedagógicas inclusivas por meio da construção de materiais pedagógicos recicláveis.** Clube de Autores, 2025. p. 1–48. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/911180425/Neuropsicopedagogia-Piaget-e-o-Desenvolvimento-Infantil. Acesso em: 14 jan. 2026.

BELCHIOR, Idênis Glória; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; DEMO, Giane; VENDITTE, Neusa; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **Neuropsicopedagogia aplicada: estudo de caso com intervenção em sala de aula.** Clube de Autores, 2025. p. 1–42. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/901692253/Neuropsicopedagogia-Aplicada-Estudo-de-Caso-Com-Intervencao-Em-Sala-de-Aula. Acesso em: 14 jan. 2026.

BRAGA, Regina Daucia de Oliveira; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; BELCHIOR, Idênis Glória; VIEIRA, Nívea Maria Costa; CARVALHO, Silvana Nascimento de; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARVALHO, Gabriel Nascimento de. **Neuroplanejamento educacional: estratégias para otimizar aprendizagem e engajamento em sala de aula.** Clube de Autores, 2025. p. 1–69. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111539026c91224. Acesso em: 14 jan. 2026.

CAMPOS, Elda Lúcia Freitas; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; SERRÃO, Lucas; CARVALHO, Silvana Nascimento de; SANTOS, Luciana Pereira**. Neurociência educacional e a construção de metodologias ativas para o ensino de matemática em escolas públicas.** Clube de Autores, 2025. p. 1–26. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/892648469/Neurociencia-Educacional-e-a-Construcao-de-Metodologias-Ativas-Para-o-Ensino-de-Matematica-Em-Escolas-Publicas. Acesso em: 14 jan. 2026.

COHEN, E. G.; LOTAN, R. A. **Planejando o trabalho em grupo: estratégias para salas de aula heterogêneas**. Tradução de Luís Fernando Marques Dorvillé *et al* Revisão técnica Mila Molina Carneiro e José Ruy Lozano. 3. ed. Porto Alegre (RS): Penso, 2017.

COSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende.** Porto Alegre (RS): Artmed, 2011.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. 2. ed. Tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DEMO, Giane; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; VIEIRA, Nívea Maria Costa; BRAGA, Regina Daucia de Oliveira; SANTOS, Damião de Souza; RIBEIRO DOS SANTOS, Priscilla Nayane Magalhães. **Neurociência, neurodesenvolvimento infantil e alfabetização: a importância da maturidade cerebral para a aprendizagem da leitura.** Clube de Autores, 2025. p. 1–31. Disponível em: https://doceru.com/doc/xsc11cn1. Acesso em: 14 jan. 2026.

DIAS, N. M.; SEABRA, A. G. **Funções executivas: desenvolvimento e intervenção.** Temas sobre Desenvolvimento, v. 19, n. 107, p. 206-12, 2013.

FÁVERO, A. A.; CENTENARO, J. B. **A pesquisa documental nas investigações de políticas educacionais: potencialidades e limites.** Contrapontos, v. 19, n. 1, p. 170-184, 2019.

FERREIRA, Juliana Balta; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; SILVA, Francisca Araujo da; CAMPOS, Elda Lúcia Freitas; BRAGA, Regina Daucia de Oliveira; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **As contribuições das neurociências para o processo de alfabetização: uma análise das teorias de Piaget, Vygotsky, Wallon, Ana Teberosky e Emília Ferreiro no contexto do desenvolvimento cognitivo e linguístico.** Clube de Autores, 2025. p. 1–36. Disponível em: https://www.academia.edu/128374221/NEUROCIENCIAS_E_ALFABETIZACAO. Acesso em: 14 jan. 2026.

FONSECA, V**. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica.** Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M**. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação.** Logeion: Filosofia da informação, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.

HERCULANO-HOUZEL, S. **O cérebro adolescente: a neurociência da transformação da criança em adulto.** Edição Kindle, 2015.

HU, Y.; HU, Y.; XIANCHUN, L.; PAN, Y.; CHENG, X. **Brain-to-brain synchronization across two persons predicts mutual prosociality.** Social Cognitive and Affective Neuroscience, v. 12, n. 12, p. 1835-1844, Dec. 2017.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; BELCHIOR, Idênis Glória; SILVA, Francisca Araújo da; RONQUE, Wanessa Delgado Silva; DEMO, Giane. **Neuropsicopedagogia e inclusão: transtornos e distúrbios de aprendizagem e o T21.** ***2025.*** Clube de Autores, 2025. p. 1–32. Disponível em: https://www.academia.edu/127056969/NEUROPSICOPEDAGOGIA_E_INCLUS%C3%83O_T. Acesso em: 14 jan. 2026.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; FELISBERTO, Larissa de Sá Cardoso; FRANDELIND, Cristiane Francisca; OLIVEIRA JÚNIOR, José Maria de; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **Tecnologias digitais na formação de professores: capacitação para o ensino híbrido e remoto.** Clube de Autores, 2025. p. 1–27. Disponível em: https://www.passeidireto.com/arquivo/161188417/tecnologias-digitais-na-formacao-de-professores. Acesso em: 14 jan. 2026.

MORALES, W. G. B**. Análisis de Prisma como Metodología para Revisión Sistemática: una Aproximación General.** Saúde em Redes, v. 8, n. sup1, p. 339-360, 2022.

NARCISO, R.; SANTANA, A. C. A. **Metodologias científicas na educação: uma revisão crítica e proposta de novos caminhos.** ARACÊ, v. 6, n. 4, p. 19459-19475, 2025.

OLIVEIRA, Mara Lucia Nunes de Lima; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; CORRÊA, Maria Alessandra da Costa; RIBEIRO, Hevelin Katana Farias; SILVA, Aida Greice Ramos da; VIANA, Fabiane Bandeira; CARVALHO, Silvana Nascimento de; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; RODRIGUES, Rosimery Mendes. **Neuropsipedagogia: integração entre neurociência e psicopedagogia no processo de aprendizagem.** Clube de Autores, 2025. p. 1–108. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/962201212/Neuropsipedagogia-Integracao-Entre-Neurociencia-e-Psicopedagogia-2025. Acesso em: 14 jan. 2026.

PAGE, M. J et al. **The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews.** BMJ, v. 1, n. 1, p. 1-1, 29 mar. 2021.

PINK, D. H. **Drive: the surprising truth about what motivates us.** Canongate Books, Edinburgh, 2011.

PURVES, D.; AUGUSTINE, G. J.; FITZPATRICK, D.; HALL, W. C.; LaMANTIA, A.-S.; McNAMARA, J. O.; WHITE, L. E. (org.). **Neurociências.** 4. ed. Tradução de Carla Dalmaz *et al* Alegre (RS): Artmed, 2010.

RIBEIRO, Ana Julia; PADOVAN NETO, Fernando Eduardo, organizadores; RIBEIRO, Ana Julia [et al.], autores. **Neurociências aplicadas à aprendizagem: estratégias para um desenvolvimento acadêmico saudável.** Ribeirão Preto: FFCLRP/USP, 2025. 114 p. Il. color. Bibliografia. ISBN 978-65-88082-19-5. DOI: 10.11606/9786588082195.

ROTTA, N. T. **Plasticidade cerebral e aprendizagem.** *In*: ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. 2. ed. Porto Alegre (RS): Artmed, 2016b. p. 469- 486.

SILVA, Francisca Araújo da; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; DEMO, Giane; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; VIEIRA, Nívea Maria Costa. **Neurodesenvolvimento infantil e alfabetização: a importância da maturidade cerebral para a aprendizagem da leitura segundo Emilia Ferreiro, Ana Teberosky e Soares.** Clube de Autores, 2025. p. 1–35. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/893231075/Neurodesenvolvimento-Infantil-e-Alfabetizacao. Acesso em: 14 jan. 2026.

SILVA, L. R. C. et al. **Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente.** In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Anais. Paraná, 2009. p. 4554-4566.

SPRENGER, **Marilee**. **Memória: como ensinar para o aluno lembrar**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VYGOTSKY, Semenovitch Lev. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WALLON, Henri**. As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995.

WILLINGHAM, D. T. **Por que os alunos não gostam da escola? Respostas da ciência cognitiva para tornar a sala de aula atrativa e efetiva.** Tradução de Marcos Vinícius Martim da Silva. Revisão técnica de José Fernando Bitencourt Lomônaco. Porto Alegre (RS): Artmed, 2011.